

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NA REGIÃO DA PONTA DO POÇO, MUNICÍPIO DE PONTAL DO PARANÁ, PARANÁ: ESTUDO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO POR MÉTODOS NÃO INTERVENTIVOS

Marcos de Vasconcellos Gernet

Professor do Setor Litoral – UFPR
lmv.gernet@gmail.com

Carlos João Birckolz

Graduando em Gestão Ambiental – UFPR
carlosbirc@gmail.com

Elizângela da Veiga Santos

Graduanda em Gestão Ambiental - UFPR
lizveiga.ga@gmail.com

RESUMO

O sítio arqueológico que constitui o objeto deste estudo localiza-se na entrada da baía de Paranaguá, na região conhecida como Ponta do Poço, município de Pontal do Paraná. O local onde foram encontrados vestígios abrange uma área de 3431 m². A ocorrência de objetos de significativo interesse arqueológico foi detectada pela primeira vez em 2001, quando foram encontrados fragmentos de cerâmica pertencentes à tradição denominada Neobrasileira (cerâmica de contato). Em 2007 com a necessidade de elaboração do EIA-RIMA para a construção do Terminal de Contêineres de Pontal do Paraná, a equipe responsável pelo levantamento arqueológico, em trabalho de campo, constatou a existência de diversos sítios na área. A presença de fragmentos de cerâmica, materiais ferrosos, vidros e diversos outros objetos que afloravam na região praial, indicavam a presença de antigas ocupações naquele local. Neste trabalho é feita uma abordagem histórica da ocupação do litoral paranaense, em especial da região da Ponta do Poço, a partir dos objetos encontrados no sítio arqueológico. A pesquisa foi realizada utilizando-se da metodologia de prospecção visual, sem coleta de material. Foram localizados um total de 1478 peças, incluindo vidraria, cerâmica, porcelanas, objetos metálicos e restos faunísticos.

Palavras-chave: Sítio arqueológico. Tradição Neobrasileira. Litoral paranaense.

HISTORICAL ARCHAEOLOGY IN THE REGION OF PONTA DO POÇO, MUNICIPALITY OF PONTAL DO PARANA, PARANA STATE: STUDY OF AN ARCHAEOLOGICAL SITE THROUGH NON-INTERVENTION METHODS

ABSTRACT

The archaeological site which constitutes the object of this study is located at the entrance of Paranaguá Bay, in the region known as Ponta do Poço, municipality of Pontal do Parana. The locus where traces were found covers an area of 3431 m². The occurrence of objects of significant archaeological interest was firstly detected in 2001, when fragments of pottery belonging to the tradition called Neo-Brazilian (contact pottery) were found. In 2007 with the need to prepare the EIA-RIMA for the construction of the Container Terminal of Pontal do Parana, the team responsible for the archaeological survey, in a field work, found out the existence of many sites within the area. The presence of pottery fragments, ferrous materials, glasses, and several other objects which emerged in the beach region indicated the presence of ancient occupations in that locus. This paper presents a historical approach to the occupation of the Parana state coast, especially the region of Ponta do Poço, through the objects found at the archaeological site. The research was carried out using the visual search methodology, without material collection. A total of 1478 pieces were located, including glassware, pottery, porcelain, metal objects, and faunal remains.

Keywords: Archaeological site. Neo-Brazilian tradition. Parana state coast.

Recebido em 28/04/2012
Aceito em 22/10/2012

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de uma nova ordem social representada pela industrialização regida pelo capitalismo, os espaços públicos dos municípios litorâneos paranaenses se configuram sob a forma da urbanização. O registro desta transformação vem sobre a forma de perdas, tanto de ordem natural (biodiversidade, recursos hídricos, solo) quanto de ordem histórico-cultural (idiomas, folclore, construções). Este trabalho tem a preocupação de tecer uma breve caracterização sobre um sítio arqueológico encontrado no litoral do Paraná, na localidade denominada Ponta do Poço, no município de Pontal do Paraná, cuja história de ocupação remete a um passado anterior (6000 anos antes do presente) à chegada do europeu no início do século XVI.

A área do sítio arqueológico da Ponta do Poço vem sendo impactada desde o início da década de 1980 com a pressão de um grupo de empresas, que instalaram-se na região aproveitando a posição estratégica voltada para as calmas águas da baía de Paranaguá. O crescimento da especulação imobiliária também tem ocasionado forte alteração na geografia do local, como alteração de rios, planificação do relevo e supressão da vegetação nativa, e com a possibilidade da construção de um terminal de contêineres na área em questão, tem aumentado a urgência de um estudo dos sítios arqueológicos lá localizados. Tendo em vista que o patrimônio cultural vem sendo alterado, é importante mostrar para a população a importância da preservação do mesmo (ANGULO, 1992). Torna-se necessário a realização de trabalhos de salvamentos arqueológicos em áreas onde irão acontecer grandes construções empreendidas por companhias que desejam se instalar nesses locais (BRANCANTE, 1988). Este trabalho justifica-se por se tratar de uma área de grande potencial arqueológico, um verdadeiro arquivo histórico a céu aberto que precisa ser estudado antes que seja irremediavelmente perdido. Os estudos arqueológicos de salvamento acompanhados por programas de educação patrimonial, levadas às populações atingidas pelas transformações nessas áreas, fazem com que, pelo menos, parte da história, costumes e modos simbólicos de vida desses povos sejam preservados para gerações futuras, e assim valorizando a cultura, as crenças e a identidade de uma determinada região (ANGULO, 1994)

BREVE HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO DO LITORAL PARANAENSE

Dentro de um contexto histórico, muito antes da chegada do europeu ao Brasil, as terras brasileiras já encontravam-se habitadas por grupos indígenas de diferentes etnias. Segundo Chmyz (2002), quando da chegada dos portugueses em terras brasileiras, viviam cerca de quatro milhões de indivíduos que falavam 1500 línguas diferentes. Para Parellada (2006), a presença do *Homo sapiens* em terras paranaenses retrocede mais de 6000 anos A. P., e esta idade tende a aumentar quando da realização de mais pesquisas. Tal fato pode ser percebido pela presença de grande número de Sambaquis em nosso litoral. Já a presença do europeu ocorria nas praias e baías do litoral paranaense desde os primeiros anos do século XVI e, desta maneira, já estava acontecendo o contato deste com os nossos indígenas.

Segundo Chmyz (2002), no litoral paulista, na região compreendida por Cananéia, já ocorria desde 1501 um processo de miscigenação e aculturação entre europeus e índios, podendo facilmente ter acontecido o mesmo no litoral paranaense. Nestes primeiros tempos, o litoral do Paraná já era percorrido por falcadores e por bandeiras preadoras de índios Carijó. Para Wachowicz (1995), os jesuítas também percorriam a região, nos séculos XVII e XVIII, tentando evangelizar estes índios que, de acordo com os relatos de Santos (1851), eram em número de oito mil indivíduos só nas margens da baía de Paranaguá. A carta régia de 28 de setembro de 1532 cria a Capitania de Santana, desde a barra de Paranaguá até o sul, onde fosse legítima a posse portuguesa. Estas terras foram doadas ao fidalgo Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso de Souza, a 21 de janeiro de 1535. O mesmo Wachowicz (1995) menciona que elementos vindos das localidades de Santos e São Vicente frequentavam esta região, onde mantinham comércio com os indígenas, trocando anzóis, ferramentas e tecidos por algodão.

O primeiro relato a respeito da presença indígena e das primeiras ocupações no litoral paranaense já em período chamado colonial, foi feita pelo aventureiro alemão Hans Staden em 1548, quando a embarcação em que viajava foi arrastada para a barra da ilha denominada "Suprawa", atual Superagüi. Segundo Staden, portugueses e castelhanos residiam e cultivavam terras na costa de Superagüi, o que percebemos nos relatos transcritos a seguir:

Deviam ser duas horas da tarde quando baixamos âncora. No início da noite aproximou-se do navio um grande barco repleto de selvagens. Queriam falar conosco, mas nenhum de nós podia entender a língua que falavam. Demos-lhes algumas facas e anzóis, e eles partiram. À noite, de novo veio um barco cheio de gente, e entre eles estavam dois portugueses que nos perguntaram de onde éramos. Ao contar-lhes que vínhamos da Espanha, eles disseram que devíamos ter um timoneiro muito habilidoso, por entrarmos assim no porto, pois o porto era-lhes conhecido, mas com uma tempestade dessas eles não teriam conseguido entrar. Então narramos-lhes com precisão como o vento e as ondas quase nos fizeram naufragar, como estávamos certos de que iríamos morrer, e que de forma inesperada descobrimos a entrada e Deus imprevisivelmente nos ajudou, salvando-nos do naufrágio. Tampouco sabíamos aonde estávamos. Ao ouvir isso, ficaram espantados e agradeceram a Deus. O porto no qual estávamos chamava-se Superagui e estava cerca de treze milhas da Ilha de São Vicente, que pertencia ao Rei de Portugal. É lá que eles moravam, e as pessoas que vimos no pequeno navio fugiram porque nos tomaram por franceses[...]. (STADEN, 1999, p. 44).

Hans Staden descreve ainda:

[...]Os nativos na região de Superagüi, os Tupiniquins, no entanto, eram amigos, e deles nada tínhamos a temer. (STADEN, 1999, p. 44).

O primeiro povoado paranaense foi na Ilha da Cotinga e chamava-se “Nossa Senhora das Mercês da Cotinga”, formado por volta de 1560 com a chegada dos descendentes dos europeus “degradados” ou náufragos. Estes, partindo de Cananéia em pequenas embarcações e guiados pelos índios, aportaram nesta ilha. Lá permaneceram por quase vinte anos até conquistarem a confiança dos Carijós, quando puderam então, se instalar aos poucos no continente, às margens do rio Itiberê (LADEIRA, 1990). Antônio Vieira dos Santos menciona o episódio da formação do primeiro povoado na Ilha da Cotinga, o que podemos ver na transcrição de seus relatos:

[...] saindo em canoas pella barra fora, costeando as praias Ararapira e Superagui entrarão pella barra dentro das formozas Bahias de Paranaguá e admirados de ver em derredor dellas muitas habitações de índios Carijós: e receozos talvez de que lhes fizesem algũa traição em direitura à Ilha de Cotinga; para o lado do fura do que divide da Ilha Raza, onde principiarão a fazer suas habitações talvez por hũa ilha circulada de mar, deffensavel; e de mais seguro azylo si por ventura os Carijós lhes quizessem fazer algũa emboscada. (SANTOS, 1851, p. 79).

Para Steca e Flores (2002) há relatos de que os portugueses que buscavam ouro nesta região por volta de 1565 teriam descoberto pequenas manchas auríferas em Iguape, Paranaguá e no Planalto curitibano. Com o declínio do ciclo do ouro (meados do século XVII), iniciou-se no litoral do Paraná o ciclo da banana, permitindo o estabelecimento de núcleos populacionais. Desta maneira nas margens da baía de Paranaguá existiam sítios e fazendas esparsas que tinham na agricultura e na pesca seu principal sustento (CORREA, 1993 apud ROCHA, 2005).

Em 1614, o aventureiro e faiscador Diogo de Unhate foi o primeiro proprietário de terras do lado português em território paranaense, recebendo uma sesmaria entre os rios Ararapira e Superagui, mas não se sabe ao certo se este fixou-se ou não no local (FREITAS, 1977). Segundo o mesmo autor foi no ano de 1617 que o jovem faiscador Gabriel de Lara fazendo parte de uma bandeira preadora, juntou-se ao espanhol Domingos Peneda fixando-se inicialmente na Ilha da Cotinga por medo dos selvagens (Carijós). Por considerar esse local impróprio para uma povoação, Gabriel de Lara transferiu-se para a margem esquerda do rio Itiberê, na época denominado Taquaré, justamente pela fertilidade do terreno, por ter água e para que as embarcações ficassem mais protegidas e seguras dos inimigos e dos ventos. Segundo Santos (1851) foi em 1648 que se criou a Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. Um breve relato relativo à região de Pontal do Paraná foi feita por Auguste de Saint-Hilaire em 1822 em sua passagem pelo litoral.

A ponta de terra sobre a qual já disse algumas palavras, que é chamada de Pontal do Paranaguá, foi o lugar onde desembarcamos. Fui recebido por um cabo de milícia que comandava um destacamento acantonado nas imediações. Esse homem recebera ordem de cuidar para que chegassem a

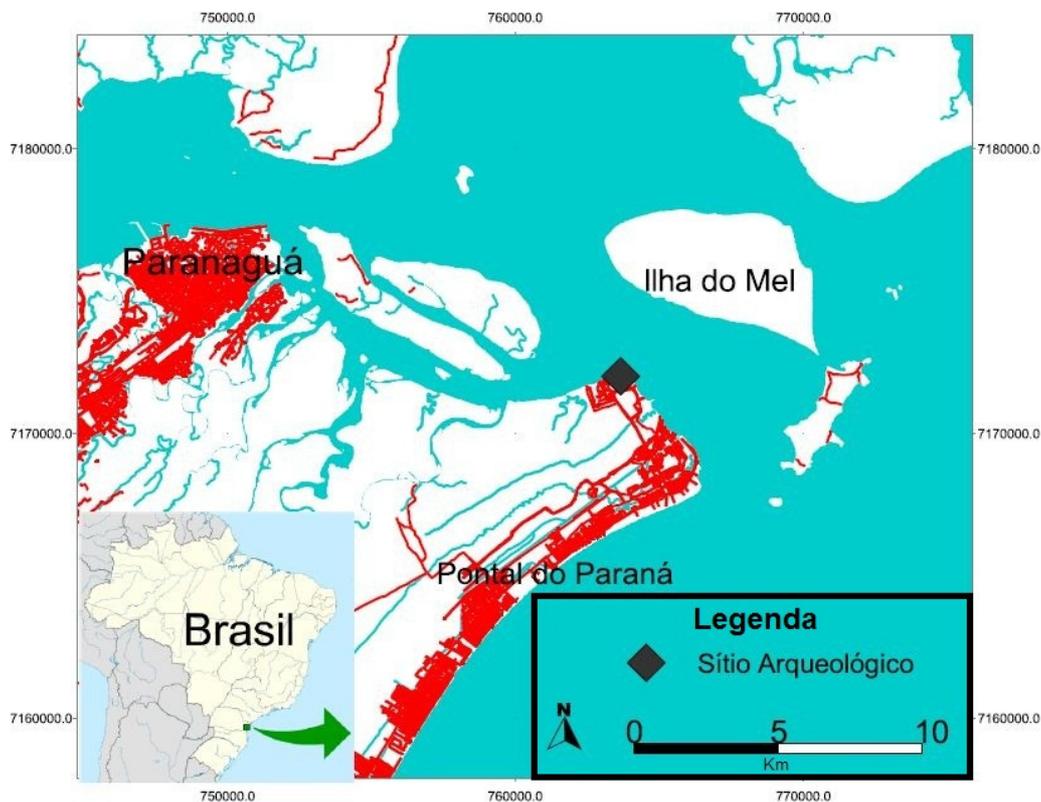
tempo as carroças que iriam levar a mim e ao meu pessoal a Caiobá. Todos foram pontuais. As carroças pertenciam a alguns fazendeiros das vizinhanças, eram grandes e puxadas por duas juntas de bois, sendo cobertas por um trançado feito de varas de bambu sobre o qual haviam sido colocadas algumas folhas de bananeira amarradas em cipó. Não havia no Pontal nem casas, nem vegetação; nada mais existia ali a não ser areia pura. Logo que desembarcamos acendemos um fogo para cozinhar o feijão e o arroz, que juntamente com água e farinha iriam constituir o nosso jantar. A bagagem foi colocada nos carros-de-boi, e quando partimos o sol já havia se posto fazia muito tempo. Os moradores do lugar têm o hábito de viajar à noite, beirando o mar, porque os bois andam muito mais depressa no escuro do que à claridade do dia. (SAINT-HILAIRE, 1964, p. 174).

De acordo com Silva (2006), na década de 1920 existia na região da Ponta do Poço uma comunidade constituída por pescadores/ agricultores provenientes de diversos locais, como o Balneário Barrancos, vilarejos do interior da baía de Paranaguá e alguns até de Santa Catarina. Neste local se encontravam as principais áreas de plantio em Pontal. Para o mesmo autor, a maior parte das pessoas da Vila da Ponta do Poço, tratava-se de população tradicional remanescente de antigos pescadores, e ficaram no local até final da década de 1970.

METODOLOGIA

O sítio arqueológico objeto deste estudo, está situado no litoral do Paraná, na localidade denominada Ponta do Poço, (coordenadas UTM, zona 22J, 763671 E e 7172010 N) no município de Pontal do Paraná, mais precisamente ao lado da antiga área industrial pertencente à CBC Indústrias Pesadas S.A. (subsidiária da Mitsubishi Motors do Brasil), fabricante de peças, módulos e componentes para plataformas petrolíferas ao longo da década de 1980 (Figura 1). Este sítio está situado dentro de um trecho de remanescentes vegetais nativos em recuperação, onde predomina fisionomicamente a restinga arbórea e em algumas partes entremeado por Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas. O local é circundado por um pequeno riacho ou várzea. Na parte Oeste da área estudada, encontramos vegetação de Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas bem preservadas.

Figura 1 – Localização da área de estudo em Pontal do Paraná, PR.



Realizaram-se apenas prospecções visuais não interventivas, ou seja, sem a realização de coletas e escavações, respeitando-se a Lei Federal 3924/1961 e seus respectivos artigos (BRASIL, 1961). Os materiais encontrados em sua maior parte na região praial, foram apenas identificados, higienizados com pincel e fotografados com câmera digital no próprio local. As fotos foram tiradas sobre papel camurça preto, com escala de 10 cm. Cada uma das peças foi medida com paquímetro de precisão e sua localização marcada com GPS. Nas áreas cobertas por vegetação, foi realizada apenas uma vistoria superficial. Efetuou-se 24 saídas a campo num intervalo de seis meses, abrangendo os horários de maré baixa no período diurno, facilitando assim a localização das peças. O perímetro do local foi calculado utilizando-se GPS, e a grande concentração de vestígios arqueológicos abrange uma área de 3431 m² (73 m X 47 m).

Os trabalhos preliminares para o conhecimento do sítio iniciaram-se através de consulta à bibliografia arqueológica relativa ao litoral paranaense e às antigas ocupações do interior do estado. Foi utilizado como base o levantamento do patrimônio histórico, cultural e arqueológico executado para o Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) do Porto de Pontal do Paraná (AMB PLANEJAMENTO AMBIENTAL BIOTECNOLOGIA LTDA, 2008).

Um levantamento bibliográfico também foi realizado visando à possibilidade de identificação e datação de algumas peças, facilitando desta maneira a caracterização do sítio. Visitas ao Museu Paranaense e também ao Museu de Arqueologia e Etnografia de Paranaguá, possibilitaram um trabalho comparativo com alguns materiais que foram encontrados depositados em reserva técnica. Pesquisas no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá (IHGP) favoreceram a contextualização histórica do local. Efetuou-se um levantamento do material cartográfico referente à área, estabelecendo os limites de interesse do trabalho e as melhores formas de acesso. Foram realizadas também entrevistas com nove moradores da localidade denominada Cachaçal, vizinha a área de estudo, que forneceram subsídios diretos para a localização de elementos histórico-arqueológicos, possibilitando a compreensão de ocupações que ocorreram na área até meados do século XX. Com os resultados obtidos criou-se um banco de dados que poderá ser utilizado em trabalhos posteriores de caracterização do sítio.

RESULTADOS

Durante os trabalhos de prospecção visual no sítio arqueológico, foram encontrados uma quantidade significativa de materiais como: materiais argilosos (834 objetos), vidrarias (372 objetos), material malacológico (126 peças), ossos (66 peças), materiais ferrosos (55 objetos) e instrumentos líticos (25 peças) (Tabela 1 e Gráfico 1).

Gráfico 1 - Grupos de objetos encontrados no sítio arqueológico.

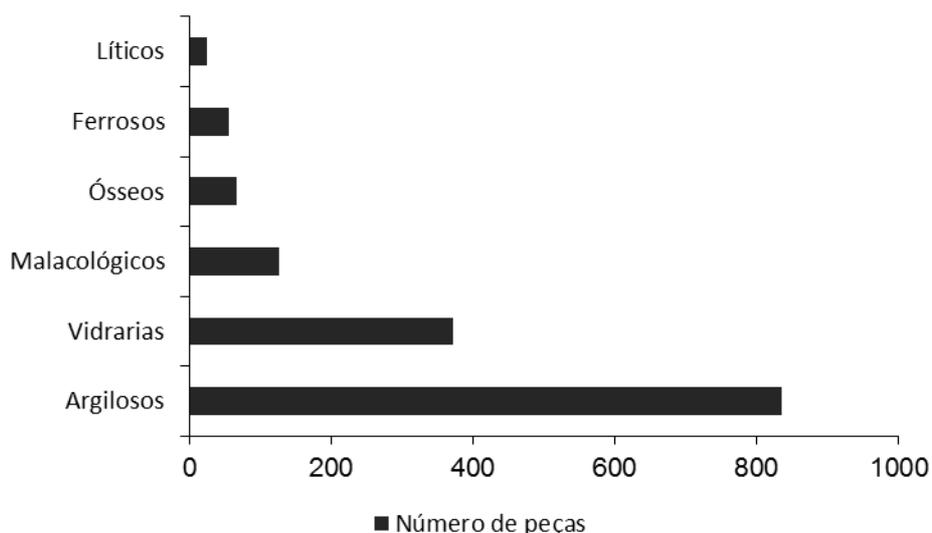


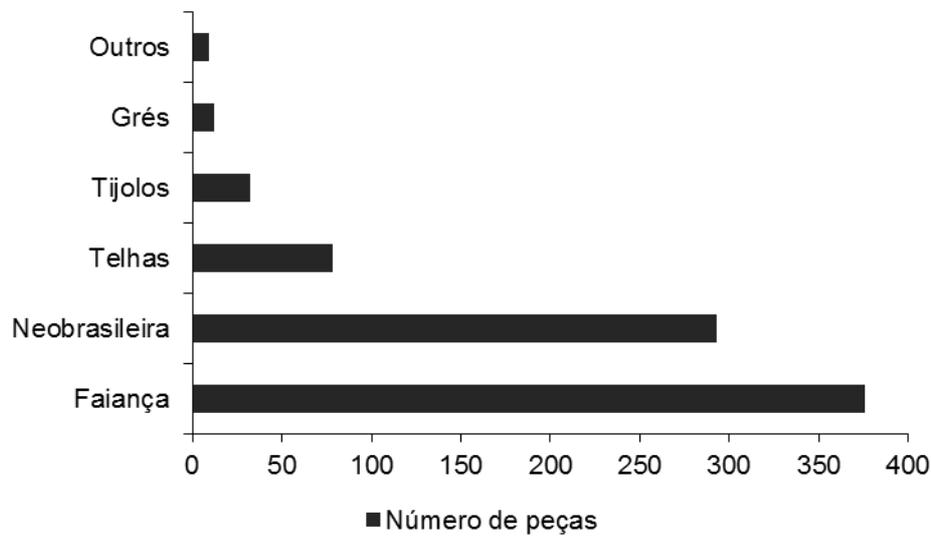
Tabela 1 - Objetos encontrados em trabalho de prospecção visual no sítio arqueológico.

Materiais	Quantidade
Argilosos	
Faiança	376
Cerâmica Neobrasileira	293
Telhas	78
Tijolos	32
Pesos de rede de cerâmica	34
Fragmentos de garrafas de Grés	12
Outros	9
Subtotal	834
Vidrarias	
Remédios	123
Garrafas	92
Vidraças	53
Copos	51
Perfumes	26
Tinteiros	3
Outros	24
Subtotal	372
Ferrosos	
Pregos	16
Tesouras	4
Chaves	3
Facas	3
Moedas	3
Colheres	2
Garfo	1
Ferraduras	1
Enxada	1
Outros	21
Subtotal	55
Ósseos/Dentes	
Peixes	31
Cavalo	18
Aves	9
Tartaruga marinha	2
Outros	6
Subtotal	66
Malacológicos	
<i>Anomalocardia brasiliiana</i>	63
<i>Crassostrea rizophorae</i>	39
<i>Stramonita haemastoma</i>	17
<i>Pugilina morio</i>	4
<i>Iphigenia brasiliiana</i>	3
Subtotal	126
Líticos	
Lascas	17
Polidores	5
Batedores	2
Poita	1
Subtotal	25
Total	1478

Estes objetos encontravam-se na região praiial, e estavam sujeitos a erosão causada pelas ondas durante os períodos de maré alta. Nos barrancos subjacentes à praia, nota-se nitidamente a disposição estratigráfica das peças nos primeiros 50 cm de profundidade, tornando possível a visualização das diferentes fases de ocupação do local. Não foram realizadas escavações nem coleta de material. Os materiais argilosos que apareceram em maior quantidade, como representado no Gráfico 1 dividem-se em: fragmentos de cerâmica Neobrasileira (293 fragmentos), faianças finas (376 fragmentos), telhas goivas (78 fragmentos), tijolos de burro (32 tijolos inteiros), pesos de rede (31 peças), grés (12 fragmentos) e outros

(nove fragmentos) (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Materiais argilosos encontrados no sítio arqueológico.



Os materiais mais antigos localizados foram cerâmicas com características Guarani (Figura 2), classificados como Outros (Tabela 1) e instrumentos líticos (Figura 3), demonstrando épocas distintas de ocupação humana que abrangem tanto o período pré-colonial, quanto o colonial. Estes vestígios encontravam-se na superfície, possivelmente devido à ação das ondas, as quais vêm constantemente erodindo o barranco, e também pela forma de utilização do solo pelas posteriores ocupações.

Figura 2 - Cerâmicas Tupi-Guarani.



Figura 3 - Instrumento lítico do tipo batedor.



Localizaram-se na área 293 fragmentos de cerâmica Neobrasileira (Figuras 4 e 5), que é uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras, evidenciando o contato do europeu com grupos indígenas locais já no início do século XVI (CHMYZ, 2002). Vale destacar que em 1960, o cineasta e pesquisador Vladimir Kozák, filmou a confecção da cerâmica tradicional cabocla (Neobrasileira) no litoral central paranaense pela Senhorinha Romão e auxiliares, utilizando ainda esta mistura de técnicas indígenas e européias (TREVISAN, 1979). Auguste de Saint-Hilaire em 1820 fez menção a este encontro étnico.

[...] há na cidade de Paranaguá um grande número de indivíduos que parecem branco à primeira vista, mas que devem sua origem a uma mistura de sangue indígena e português. É de supor que a origem dos mestiços de Paranaguá remonte à época em que os paulistas chegaram pela primeira vez até essa parte do litoral. Esses aventureiros não traziam mulheres em seus bandos, e confraternizavam livremente com os índios do litoral. (SAINT-HILAIRE, 1964, p. 162).

Figura 4 - Fragmento de alça de cerâmica Neobrasileira.



Figura 5 - Fragmento de cerâmica com decoração escovada e incisa.



Estas características então representadas na confecção desta cerâmica. Nenhuma peça inteira foi localizada, e os fragmentos encontrados pertencentes a esta tradição são: laterais de recipientes apresentando decoração do tipo escovada, pedaços de bordas simples, bordas decoradas com marcas de unha (unguladas), alças decoradas, fundos planos caracterizando o uso de torno e pesos de rede de vários modelos (evidenciando a prática de atividades piscatórias). Três exemplares de cachimbos angulares e um fragmento de forninho também foram encontrados, isto torna interessante uma análise mais aprofundada para verificar se estas peças não estão diretamente ligadas à presença do escravo africano, uma vez que este também participou no processo de miscigenação e formação da população caiçara. Localizaram-se trinta e dois tijolos maciços denominados “tijolos de burro”, todos encontrados inteiros.

Também foram encontrados 78 fragmentos de telhas coloniais, também conhecidas como telhas goivas, todas contendo decoração representando florais produzidas com a ponta dos dedos. Outros objetos encontrados em grande quantidade foram as faianças finas e os grés que, juntamente com o material vítreo, podem ser considerados indicadores de status social (TOCCHETTO *et al.*, 2001). As faianças finas (Figuras 6, 7, 8, 9 e 10) são um tipo de cerâmica menos rica em caulim, intermediária entre a faiança e a porcelana, de pasta opaca, compacta e com fratura irregular e porosa (ALBUQUERQUE, 1991). Já o grés (Figura 11) é uma cerâmica vítrea, com estrutura compacta, não porosa e não absorvente (SILVA, 2005). Segundo Tocchetto *et al.* (2001), a faiança fina foi a classe de louça doméstica mais popular no Brasil do século XIX, sendo importada principalmente da Inglaterra após a abertura dos portos em 1808 e, alguns dos principais critérios de análise cronológica das peças, seriam as cores, as marcas de fabricantes, os motivos e as técnicas decorativas. Baseado nestes critérios realizou-se a análise de alguns fragmentos de faianças finas encontradas no sítio, tentando fornecer principalmente dados referentes à procedência e período de fabricação (Tabela 2).

Tabela 2 - Análise de faianças finas encontradas no sítio. N.A.: Não Apresenta.

Figuras	Cores	Marcas	Motivo/estilo	Técnicas	Ano de fabricação
6	Branca	J&G Meakin	N.A.	N.A.	Após 1851
7	Azul	N.A.	Chinoiserie	Transfer printing	1780-1850
8	Azul	N.A.	Floral	Borrão a mão	1750-1850
9	Branca	N.A.	Trigal	Alto relevo	Após 1851
10	Policrômico	N.A.	Floral/Peasanty	Mão livre	1830-1860

Figura 6 – Faiança fina com marca do fabricante



Figura 7 - Faiança fina com padrão Willow e técnica Transfer printing.



Figura 8 - Faiança apresentando a técnica Flow blue (azul borrão).

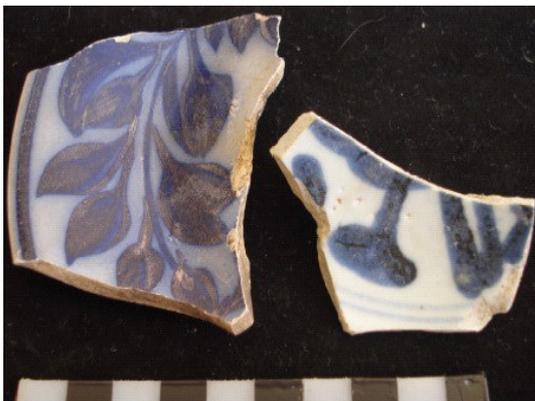


Figura 9 - Faiança apresentando padrão trigal



Figura 10 - Faiança apresentando a técnica Peasant style.

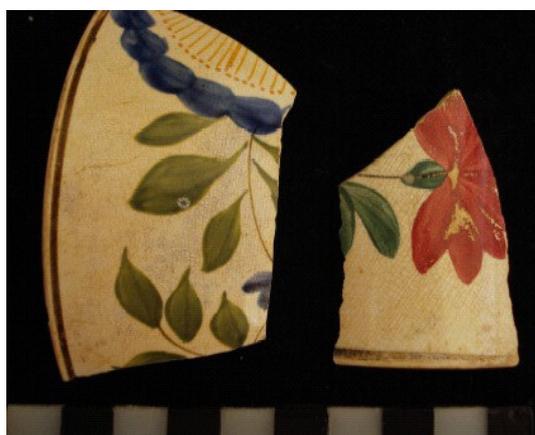


Figura 11 - Fragmento de garrafa de grés.



Na Figura 6, percebe-se a marca do fabricante J & G Meakin, empresa fundada em 1851, em Staffordshire, Inglaterra, pelos irmãos James e George Meakin. No entanto não foi possível

fazer a identificação da técnica e estilo utilizados na confecção da peça, pois o fragmento encontrado era muito pequeno e não apresentava maiores detalhes. Na Figura 7, segundo análise baseada na obra de Tocchetto *et al.* (2001), percebemos uma decoração com motivos baseados em interpretações européias de temas e paisagens chinesas, na cor azul e padrão *willow*, feitas utilizando-se da técnica de *transfer printing* ou impressão por transferência. Esta técnica consiste na gravação do desenho em uma placa de metal, geralmente o cobre, no qual a tinta era espalhada e coberta por papel de seda umedecido, que após uma prensagem normal transferia o desenho para a peça cerâmica. Já na Figura 8, notamos a técnica denominada *flow blue* (azul borrão), que é obtida através da colocação no forno, de recipientes contendo cloretos voláteis, provocando um aspecto borrado. O motivo do desenho é o floral, em tons azuis. Na Figura 9, vemos um fragmento de faiança confeccionada no padrão trigal, decorada com ramos de trigo em relevo moldado e sem pintura. Na Figura 10, notamos a técnica *peasant style*, caracterizada pela presença de motivos florais feitos com pinceladas largas e coloração policrômica.

Foram encontrados também, fragmentos de louças, produzidas no Brasil, como a marca da cerâmica Iguassú, fundada em 1925, pelo italiano José Romano Munari em Campo Largo, no Paraná, cuja fábrica funcionava a base de energia hidráulica. Outro fragmento localizado, continha a marca da cerâmica Fama, proveniente do estado de Santa Catarina, da cidade de Mafra. Também foram encontrados dois fragmentos de louça contendo o carimbo com as inscrições FLSC-Fábrica de Louças Santa Cruz, cuja marca era proveniente de uma indústria de louças localizada na cidade de Taubaté, em São Paulo, fundada em 1933.

As vidrarias (Figuras 12, 13 e 14), caracterizam-se por vidros de remédios, garrafas de bebidas, vidros de perfumes, vidraças de janelas e tinteiros, retratando ocupações mais recentes que foram identificadas como do início do século XIX até a década de 60 do século XX. Na Figura 12 nota-se um exemplar de garrafa com coloração verde claro e inscrições em alto relevo da marca de cervejas Belfast Ross's, proveniente da Irlanda do Norte, do início do século XX. Esta garrafa apresenta fundo arredondado, com bocal do tipo bolha e colado. Na Figura 13 vemos alguns exemplares de vidros de óleo de rícino, os quais eram produzidos a base de mamona e funcionavam como laxante. Langowski (1976), descreve que era comum, o caboclo litorâneo medicar-se com o óleo de rícino, utilizando-o como depurativo para o sangue e também para eliminar "bichas" (vermes).

Figura 12 - Garrafa de cerveja irlandesa do início do século XX.



Figura 14 – Vidro de Bromil.



Figura 13 - Vidros de óleo de rícino.



Na Figura 14 vemos um vidro de Bromil, tradicional xarope para tosse, datado de 1910. Também foram localizados no sítio, três tinteiros de vidro transparentes; dois pequenos frascos de óleo Dyrce; diversos vidros de coloração marrom, possivelmente de remédios (xarope); um fragmento de vidro transparente, com inscrição em alto relevo dizendo “Fonte da Saúde”; um vidro inteiro, transparente com a inscrição “Acqua Velva”, a qual era uma loção pós barba comum nos anos de 1950; algumas garrafas de bebidas, cujo vidro apresentava-se cheio de bolhas e sem inscrições para auxiliar na identificação; vários fragmentos de gargalos de garrafas, com bocal do tipo bolha e colado; um vidro de Biotônico Fontoura, do início do século XX e um fragmento de lampião de parede, onde notamos as inscrições Romaro Lua Cheia.

Entre os materiais metálicos encontrados pode-se citar uma enxada, que possivelmente seria utilizada para atividades agrícolas; quatro tesouras; três chaves; uma ferradura, servindo como indicativo da domesticação de animais; dois projéteis de chumbo, possivelmente utilizados em armas de fogo; um garfo; duas colheres; vinte e um fragmentos metálicos de função e origem desconhecidas e três moedas datando respectivamente de 1949, 1972 e 1985. Os restos faunísticos encontrados no sítio estão associados a hábitos alimentares, o material ósseo refere-se a 18 ossos de cavalo, incluindo uma arcada dentária; dois ossos de tartaruga marinha; nove ossos de aves; 31 ossos de peixes, identificados como sendo de bagres, robalos e tainhas; e também seis fragmentos ósseos não passíveis de serem identificados. Estes animais, descritos através de seus restos, podem ter sido utilizados não só como fonte alimentar, mas também para outros fins. O material malacológico, identificado de acordo com Rios (1994) e atualizado através do portal Malacolog (2009), é constituído pelas seguintes espécies apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Fauna malacológica encontrada no sítio.

Espécies	Descrição
<i>Pugilina morio</i>	Gastrópode comum na baía de Paranaguá, habitando águas rasas.
<i>Stramonita haemastoma</i>	Gastrópode comum em áreas de costão rochoso, muito utilizado na alimentação pelas populações caiçaras.
<i>Crassostrea rhizophorae</i>	Bivalve conhecido como ostra, vive fixo nas raízes dos mangues, muito utilizada na alimentação.
<i>Iphigenia brasiliana</i>	Bivalve que habita fundos areno-argilosos da baía de Paranaguá.
<i>Anomalocardia brasiliana</i>	Bivalve comumente encontrado, enterrado em solos areno-argilosos da baía de Paranaguá, e utilizado na alimentação desde tempos pré-históricos.

DISCUSSÃO

As prospecções iniciais feitas no sítio arqueológico da região da Ponta do Poço e as análises bibliográficas histórico-arqueológicas possibilitam inferir algumas considerações relativas às peças encontradas. Em primeiro lugar cabe apontar a constatação de três conjuntos distintos de evidências arqueológicas. A primeira são as cerâmicas com características Tupi Guarani (roletada, com decoração do tipo digitungulada), juntamente com instrumentos líticos (batedores, amoladores e lascas), indicando a presença de uma ocupação pré-colonial (índios Carijó), cuja presença na área já era citada por autores como Staden (1998) e Santos (1851). O segundo conjunto de evidências seria a presença de cerâmicas Neobrasileira (cerâmica de contato), surgida a partir do início do século XVI, servindo de indício do contato e posterior miscigenação genética e cultural entre os povos europeus e os índios que habitavam aquela área. Este contato deu origem aos caiçaras, que habitaram o litoral paranaense praticamente isolados, mantendo sua forma tradicional de vida até a década de 1930, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o início de um fluxo migratório.

Para Adams (1996), a presença do escravo neste processo de miscigenação e de formação étnica também ocorreu, mas de maneira menos significativa. Alguns fragmentos de cerâmica mostram sinais de pintura na cor vermelha sobre engobo branco. Estas pinturas nas cerâmicas reforçam a teoria de que o grupo indígena que habitava este local e que entrou em contato com

o europeu, pertencia ao tronco linguístico Tupi-Guarani. O terceiro conjunto é caracterizado pela presença de faianças finas, grés, vidrarias e materiais ferrosos, podendo caracterizar uma ocupação mais recente, que vai de meados do século XVIII até início do século XX. O estudo da cultura material traz subsídios para inúmeras pesquisas, e baseado nisto, informações extraídas de determinados tipos de artefatos permitem estudar aspectos relativos à economia, comportamento social e tecnológico.

Conforme Symanski (2008), artefatos como cerâmicas, faianças finas e vidros, podem ser considerados em uma análise preliminar, como *commodities*, sendo que estes objetos podem ter valores de uso e de troca. De acordo com o mesmo autor, as faianças são os artefatos de maior valor, pois apresentam significância como indicadores do status socioeconômico de seus proprietários.

No sítio arqueológico da Ponta do Poço, é interessante levar esta análise em consideração, pois é bastante significativa a quantidade de fragmentos de faianças encontrados, principalmente provenientes da Inglaterra. Segundo Brancante (1980), a análise das faianças, podem revelar rotas de transporte, hábitos de consumo, poder aquisitivo dos consumidores e durabilidade dos produtos. Baseado nas faianças finas encontradas, podemos inferir que como rotas de transporte, estas foram importadas da Inglaterra (fabricante em massa de faiança fina, desde final do século XVIII), possivelmente, através de Portugal, que os enviava ao Rio de Janeiro, e que então eram despachados para outras localidades, como é o caso do Paraná.

Alguns objetos encontrados, como pesos de rede feitos em barro, enxadas, pás e facões, eram comumente utilizados pelos caiçaras que combinavam a agricultura de subsistência, baseada principalmente no cultivo da mandioca e da banana, com a pesca artesanal. A presença deste grupo étnico no entorno da baía de Paranaguá já era mencionada por Saint-Hilaire em 1820 que ao passar pela região, fez a seguinte descrição:

Assim como a Ilha Rasa e a Ilha do Mel, a terra firme é orlada por mangues, mas se veem nelas, de vez em quando, quase à beira da água, pequenos sítios cobertos de telhas, diante dos quais se acham várias canoas. (SAINT-HILAIRE, 1964, p. 173).

É importante observar, que grande quantidade de materiais provenientes da época da construção e operação da empresa CBC Indústrias Pesadas S.A. (década de 1980), são encontrados sobrepondo-se aos materiais de interesse arqueológico. Lixos, restos de fogueiras, ação de vândalos e interferência das marés, estão causando impacto sobre o sítio arqueológico. Em entrevistas com moradores da região, verificamos que peças cerâmicas como tijolos, telhas e faianças, estão sendo retiradas do local para realização de aterros e calçamentos. Estes mesmos entrevistados corroboraram as informações obtidas no trabalho de Silva (2006), afirmando a existência de uma comunidade, que ocupava aquele local de 1920 até 1979.

Para Andriquetto Filho (2003), obras como a construção do canal do DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento), destruiu o espaço tradicional do pescador artesanal na região da Ponta do Poço, o que possivelmente culminou na descaracterização definitiva da área. Apesar das alterações pós-depositivas (possivelmente atividades agrícolas e posteriormente industriais), o sítio ainda apresenta uma estratigrafia bem preservada que necessita ser analisada antes que seja completamente destruída.

CONCLUSÃO

É possível concluir então, que o sítio arqueológico da Ponta do Poço caracteriza-se principalmente por duas fases de ocupação; uma indígena pré-colonial, constituída por materiais cerâmicos e líticos e outra fase histórica (colonial), constituída por cerâmicas Neobrasileiras, faianças, tijolos de burro, telhas coloniais e outros materiais diversos. Os indícios arqueológicos observados durante os trabalhos de prospecção atestam o alto potencial arqueológico da região que deve ser considerado na proposição de medidas mitigadoras provenientes da possível construção de empreendimentos no local. A criação de um museu deve ser contemplado, visando um trabalho de Educação Patrimonial atendendo as comunidades da região, que desconhecem sua própria formação quanto a grupo historicamente constituído, mostrando que a preservação dos sítios arqueológicos do município

de Pontal do Paraná, fortalecem suas identidades e podem gerar renda através do turismo arqueológico histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, C. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental**, São Paulo: Anna Blume, 1996, 337 p.

ALBUQUERQUE, P. T. S. **A Faiança Portuguesa dos Séculos XVI a XIX em Vila Flor**, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.

AMB PLANEJAMENTO AMBIENTAL BIOTECNOLOGIA LTDA. **Estudo de Impacto Ambiental - EIA do Terminal Portuário localizado no município de Pontal do Paraná, PR**, 2008.

ANDRIGUETTO FILHO, J. M. A mudança técnica e o processo de diferenciação dos sistemas de produção pesqueira no litoral do Paraná, Brasil. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, Curitiba, v. 8, p. 43-58, 2003.

ANGULO, R. J. **Geologia da planície costeira do estado do Paraná**. 1992. 334 f. Tese (Doutorado em Geociências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANGULO, R. J. Indicadores morfológicos e sedimentológicos de paleoníveis Marinhos quaternários na costa paranaense. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, v. 42, p. 185-201, 1994.

BRANCANTE, E. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. São Paulo, 1980, 730 p.

BRASIL. **Lei nº 3924 de 26 de julho de 1961**. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em: 20 abr. de 2012.

CHMYZ, I. A. Tradição Tupi Guarani no Litoral do Estado do Paraná. **Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, p. 71-95, 2002.

FREITAS, W. F. **História de Paranaguá, das origens à atualidade**. Paranaguá: IHGP, 1977. 87 p.

LADEIRA, M. I. M. YY Pau ou Yva Pau - Espaço Mbya entre as águas ou o caminho aos céus: os índios Guarani e as ilhas do Paraná. Curitiba: CTI, 1990.

LANGOWISKI, V. B. R. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá. **Cadernos de Artes e Tradições Populares**, Paranaguá, Museu de Arqueologia e Artes Populares, n. 1, p. 77-101, 1976.

MALACOLOG 4.4.1: **Western Atlantic Mollusk Species Database at The Academy of Natural Sciences**. 2009. Disponível em: <<http://www.malacolog.org/findsnail.html>>. Acesso em: 20 mar. de 2012.

RIOS, E. C. **Seashells of Brazil**. 2ª ed. Rio Grande: FURG, 1994, 368 p.

ROCHA, E. P. **Nomes, rezas e anzóis: Tradição e Herança Caiçara**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à comarca de Curitiba, 1820**, São Paulo: Cia Nacional, 1964. 189 p.

SAMPAIO, R. **Uso balneário, apropriação do espaço e meio ambiente em Pontal do Paraná, litoral paranaense**. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SANTOS, A. V. **Memória Histórica, Chronológica, Topographica e Descritiva da Villa de Morretes e do Porto Real, vulgarmente Porto de Cima**. Curitiba, Seção de História do Museu Paranaense, 1851, 458 p.

SILVA, J. O. **Efeito do avanço do turismo e da atividade portuária nas comunidades de pescadores**. 2006. Monografia (Graduação em Oceanografia) Universidade Federal do Paraná, Pontal do Paraná, 2006.

SILVA, R. A. Arqueologia Colonial: as Casas Fortes (de Pedra) como unidades de defesa e ocupação no Rio Grande do Norte no Século XVII, **Revista de Humanidades**, Caicó-RN, v. 6 n.13, p. 111-122, 2005.

STADEN, H. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 1999. 120 p.

STECA, L. C.; FLORES, M. D. **História do Paraná – Do século XVI à década de 1950**, Londrina: UEL, 2002, 206 p.

SYMANSKI, L. C. P. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos, **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 21 n. 2, p. 73-96, 2008.

TOCCHETTO, F. B.; OLIVEIRA, A. T. D.; CAPPELLETTI, A. M.; SYMANSKI, L. C.; OZÓRIO, S. R. **A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC, 2001, 168 p.

TREVISAN, E. Vladimir Kozák (1897-1979), “O Braide Pemegare”. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, v. 36, 1979.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina, 7^a ed., p. 278, 1995.